



são pelo livro: “Cardenal nos mostra que as plantas amam as plantas, os bichos amam os bichos e, portanto, os homens devem amar os homens”.

Ernesto Cardenal, que estreou na poesia no ano de 1946 com “A Cidade Desabitada” e foi candidato ao Nobel, ofereceu, com seus versos e prêdicas, fortes imagens a que Carrero tratou de se agarrar. Um naufrago reconhece o valor dos pequenos tesouros que lhe passam à frente. Amparou-se, ainda, na leitura de “A Educação Sentimental”, de Gustave Flaubert, romance de 1869, que o escritor considerava a história moral de sua geração. Nele, Flaubert — antecipando a experiência de Carrero — faz um exercício de dissecação do próprio corpo. O corpo visto não apenas como carne, mas como um estojo que abriga o sentimento moral.

Como todos sabem, Frédéric Moureau, o protagonista de “A Educação Sentimental”, com seu apego às ilusões românticas, é uma espécie de duplo do jovem Gustave Flaubert. O próprio escritor francês chegou a admitir isso. Em novo desdobramento, o jo-

vem Flaubert que surge mascarado em “A Educação Sentimental” serve de duplo, agora, a Raimundo Carrero. Sucessão de duplicações e de renascimentos que fornecem sinais indiscutíveis da potência da literatura, fonte de um poder de revelação que nem a passagem dos séculos não consegue roer.

Impulsionado por Flaubert, que levou sete anos trabalhando em seu célebre roman-

**“Às Vésperas do Sol”
estará pronto quando
Carrero se declarar
bom. Ele é otimista:
“Acho que em três,
quatro semanas,
estou inteiro de novo”**

ce autobiográfico, Carrero anota agora em um caderno, pacientemente, passo a passo, a lenta travessia da própria doença. Rascunha, assim, “Às Vésperas do Sol”, um livro que — transformando a literatura em um reflexo do destino — só estará pronto quando ele se declarar inteiramente bom.

É otimista: “Acho que em três, quatro semanas, estou inteiro de novo”, me disse na última semana de março, quando conversamos por telefone. Ao mesmo tempo, dominado pelo sentimento de paciência, modera suas expectativas: “Eu sei, preciso aceitar e aprender uma coisa de cada vez”. Apesar de se sentir “praticamente bom”, os problemas de coluna — causados pelos longos meses que passou quase imobilizado, já que o AVC atingiu todo o lado esquerdo de seu corpo — ainda o prendem à velha poltrona. “É terrível demais, tem dias que dá uma agonia”, reclama, desmentindo a afirmação de paciência. “Não posso sair, não posso ver os amigos, nem mesmo ir a uma livraria. Ainda sou, na maior parte do tempo, um prisioneiro. Esta cadeira é meu carrasco.”